

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - *CAMPUS* SOROCABA  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA PARA SUSTENTABILIDADE - CCTS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS AMBIENTAIS - DCA

LETÍCIA DE ASSIS HIALA

**A MULHER E A AGRICULTURA QUILOMBOLA NO VALE DO  
RIBEIRA (SP): NARRATIVAS SOBRE CONHECIMENTO,  
MEMÓRIA E COTIDIANO**

Sorocaba,  
2021

LETÍCIA DE ASSIS HAIALA

**A MULHER E A AGRICULTURA QUILOMBOLA NO VALE DO RIBEIRA  
(SP): NARRATIVAS SOBRE CONHECIMENTO, MEMÓRIA E  
COTIDIANO.**

Trabalho de Conclusão de  
Curso, apresentado à Universidade  
Federal de São Carlos - *Campus*  
Sorocaba como parte das exigências  
para a obtenção do título de  
Bacharel em Ciências Biológicas.

Orientação: Prof. Dr. Fernando Silveira Franco

Sorocaba,  
2021



LETÍCIA DE ASSIS HAIALA

**A MULHER E A AGRICULTURA QUILOMBOLA NO VALE DO RIBEIRA  
(SP): NARRATIVAS SOBRE CONHECIMENTO, MEMÓRIA E  
COTIDIANO.**

Trabalho de Conclusão de  
Curso, apresentado à Universidade  
Federal de São Carlos - *Campus*  
Sorocaba como parte das exigências  
para a obtenção do título de  
Bacharel em Ciências Biológicas.  
Sorocaba, 21 de junho de 2021.

Orientador



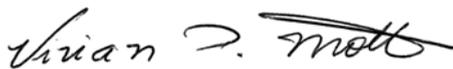
Prof<sup>o</sup> Dr. Fernando Silveira Franco - UFSCar Sorocaba

Coorientador:



Prof<sup>o</sup> Dr. Helbert Medeiros Prado - UFSCar Sorocaba

Examinadora 1:



Prof<sup>a</sup> Ma Vivian Delfino Motta - IFSP – São Roque

Examinadora 2:



Ma. Lucia Chamlian Munari

## Dedicatória

Dedico a minha Vó Zélia, por compartilhar suas impressionantes histórias sobre a realidade da mulher na agricultura. Vó, a senhora é parte importante e inesquecível da minha história.

E principalmente, dedico este trabalho a todas as agricultoras quilombolas que me apresentaram um pouco de suas vidas para que eu pudesse realizar esta pesquisa.

## AGRADECIMENTO

*Esta pesquisa é um passo importante na minha caminhada. Resulta em conhecimentos e aprendizados adquiridos durante a graduação, e que contribuíram em meu caráter e certezas, assim como para a construção do conhecimento científico. Dedico este trabalho a todas as mulheres que realizam pesquisas em Universidades Públicas do Brasil.*

*Agradeço a minha família, em especial a minha mãe e meu pai. Sou grata pelas estruturas que vocês forneceram para mim desde o momento que eu vim ao mundo, sempre entregando o melhor para me criar, levo vocês no sangue e no coração. Agradeço às minhas irmãs Jéssiquinha e Ana Beatriz, por serem minhas melhores amigas desde o momento em que eu nasci, agradeço por me acolherem em cada escolha que eu faço, ter vocês na minha vida é uma forma de me sentir pertencente e segura em qualquer lugar que eu vá. Sou grata às filhas que vocês tiveram, com isso vocês me presentearam com sobrinhas que são minha alegria: Alice, Helena e Catarina.*

*Agradeço a Sarah, amiga/irmã que a vida me presenteou para dividirmos os momentos e crescermos juntas em todas as fases. Dedico a querida Glória, que desde 2016 muito me ensina sobre amor e companheirismo, dedico também a sua família que segue sendo um abraço de acolhimento na minha vida.*

*Sou grata às pessoas que a graduação me deu de presente: Vanusa, Leonardo, as minhas irmãs da República Sófridas que muito me ensinaram sobre amizade: Mimi, Rebeck, Gabizão, Jhuzão e todas mais. Agradeço ao Núcleo de Agroecologia Apetê Caapuã e a todos companheiros que me impulsionaram a desejar um mundo melhor, lutando pela Soberania Alimentar e por respeito à Terra. Agradeço ao Fernando Silveira Franco, por me incentivar a levar a agroecologia como sentido de vida e por cultivar tantas sementes que resultam em uma linda agrofloresta diversa.*

*Agradeço imensamente ao apoio da FAPESP, por meio do fomento do projeto 2016/04680-4, que possibilitou que esta pesquisa fosse feita com segurança e estrutura. Agradeço a Helbert Medeiros Prado, por me mostrar com gentileza, empenho e responsabilidade a importância do trabalho sério de realizar pesquisa no Brasil. Muito grata por todo auxílio que me foi fornecido e aos ensinamentos passados. Agradeço a Manu Macuco pelo companheirismo agradável durante a realização desta pesquisa.*

*“Como não ser grata a quem nos alimenta e nos nutre?*

*Como eu poderia jogar veneno na Terra? Que me fornece tantas coisas maravilhosas e em abundância? Serão meus filhos, meus netos, meus amigos, seres humanos dignos e animais da natureza que se se alimentarão dessa comida.”*

*(Maria Rodrigues, agricultora assentada pelo MST)*

## RESUMO

HAIALA, L. A., **A MULHER E A AGRICULTURA QUILOMBOLA NO VALE DO RIBEIRA (SP): NARRATIVAS SOBRE CONHECIMENTO, MEMÓRIA E COTIDIANO**. 2021. Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba. Sorocaba. 2021.

Esta pesquisa discute aspectos da roça quilombola no Vale do Ribeira (SP) da perspectiva das mulheres, sua práxis, seus saberes e sua memória. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem etnoecológica de orientação antropológica. As etapas de campo ocorreram entre julho de 2019 e janeiro de 2020, totalizando 20 dias nas comunidades de Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima. Foi feito o acompanhamento do cotidiano de oito mulheres com idades variando entre 28 e 76 anos, bem como aplicação de entrevistas semiestruturadas e estruturadas. Os resultados mostram que o cultivo é comumente realizado no ‘terreiro’, ou em locais distantes da residência, as chamadas ‘capuavas’. O cultivo de 57 alimentos foi reportado, dentre os quais os mais comuns foram feijão, mandioca, milho, almeirão, alface, banana e pupunha. O uso tanto de insumos químicos quanto orgânicos é recorrente. Saberes e técnicas tradicionais de cultivo, como plantio consorciado, o respeito ao calendário lunar e o sistema de pousio, ainda estão presentes. Na esfera mágico-religiosa, ‘simpatias’ para o controle de ‘pragas’ na lavoura, bem como interdições à presença da mulher na roça em razão de seus ciclos fisiológicos, também foram reportadas. Para além do registro etnográfico aqui apresentado, o conjunto de percepções, narrativas, saberes e referências ontológicas discutidos também podem servir de subsídios a políticas públicas dirigidas às mulheres quilombolas na região.

Palavras-chave: Agricultura quilombola. Mulheres quilombolas. Mata Atlântica.

## ABSTRACT

This study discusses aspects of the quilombola cultivation in the Vale do Ribeira from the women's perspective, their praxis, knowledge, and memory. The research was based on an anthropological-oriented ethnoecological approach. The fieldwork was carried out between July 2019 and January 2020, totalizing 20 days in the Pedro Cubas and Pedro Cubas de Cima communities. The routine of ten women aged between 28 and 76 years old was registered, in addition to the application of semi-structured interviews and questionnaires. The results show that the cultivation among the interviewees is practiced near the house, in the 'terreiro', as well as far away from it, in the 'capuovas'. Fifty-seven kinds of cultivated foods were reported, among which the most common were beans, cassava, maize, chicory, lettuce, banana, and peach palm. The use of synthetic and organic agricultural inputs is present. Traditional knowledge and cultivation techniques, such as consortium planting, respect for the lunar calendar, and the fallow system, are still present among the women. At the magic-religious dimension, 'simpatias' for pest control in the field were reported, in addition to the interdictions to the women in the field due to their physiological cycles. Beyond the ethnographic features herein presented, the set of perceptions, narratives, knowledge, and ontological references discussed may also subsidizing governmental policies for quilombolas' women in the region.

Keywords: Quilombola agriculture. Quilombolas women. Atlantic forest

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	12
2.1	O CONTEXTO QUILOMBOLA NO VALE DO RIBEIRA.....	12
2.2	COLETA DE DADOS .....	14
2.3	BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS.....	15
<b>3</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	16
3.1	O CULTIVO NO 'TERREIRO' E NA 'CAPUAVA': PRESENTE E PASSADO EM PERSPECTIVA.....	16
3.2	ALIMENTOS CULTIVADOS E DESAFIOS ATUAIS .....	20
3.3	TÉCNICAS E CALENDÁRIO AGRÍCOLA .....	23
3.4	'SIMPATIAS' E DIMENSÃO SIMBÓLICA.....	25
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	27
<b>5</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	28
<b>6</b>	<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA APLICADA</b> .....	39

## 1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar é um modelo de cultivo de alimentos que ocorre em pequenas e médias propriedades, no qual a produção e a gestão administrativo-financeira da atividade estão centradas no núcleo familiar (ABRAMOVAY, 2004; FILIPAK, 2017; ROSA, 2002). Importante para o desenvolvimento econômico do meio rural brasileiro, a produção agrícola em pequena escala também desempenha papel chave para o abastecimento de alimentos na cidade, correspondendo a cerca de 70% deste volume (BEZERRA & SCHLINDWEIN, 2017; BEZERRA, 2018).

Como parte desta temática, há no Brasil um conjunto diverso de comunidades tradicionais que têm na agricultura familiar seu principal meio de vida, como é o caso de muitas populações remanescentes de quilombos (THUM, 2017). Forjadas no processo de resistência à economia escravagista do Brasil colonial (MOURA, 1981), hoje são mais de 2.400 comunidades quilombolas reconhecidas no país (CARRIL, 2017; IPEA, 2015; GOMES, 2013). Estas lutam por sua autonomia econômica, soberania alimentar e segurança territorial, além da manutenção de sua identidade e modos de existência, como aqueles relacionados às práticas de cultivo tradicionais (CARRIL, 2005; ARRUTI, 2006; DWYER, 2002).

No contexto da agricultura familiar, a mulher desempenha importante papel na busca por práticas agroecológicas visando a soberania alimentar aliada a sustentabilidade ambiental e a promoção da saúde humana. A centralidade da mulher também se concretiza nas tomadas de decisão na esfera da unidade doméstica e das comunidades, na manutenção de práticas mágico-religiosas, e bem como na reprodução dos conhecimentos tradicionais (SIQUEIRA, 2006; MOTTA, 2018; PERES, 2017; FELICIANO, 2017; ZANK, 2021). Não obstante, a discriminação de gênero e, conseqüentemente, o processo de invisibilização da mulher no campo por parte do poder público persiste como parte do modelo capitalista patriarcal que ainda estrutura os modos de produção e as relações de trabalho na contemporaneidade (ALVARES, 2018; HERRERA, 2015; PAULILO, 2016; HELLENKAMP & NOBRE, 2018; LOVATTO et al, 2010; SILIPRANDI, 2000; SOF, 2016; PAULILO, 2021).

À luz do exposto, o objetivo deste trabalho é trazer à superfície aspectos da memória, cotidiano, conhecimentos e percepções de agriculturas quilombolas das

comunidades de Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima, Vale do Ribeira, SP. A partir de uma abordagem etnográfica, este artigo apresenta narrativas de mulheres acerca dos modos de cultivo do passado e do presente e desafios atuais da agricultura quilombola na região. Saberes tradicionais e formas de representação social da 'roça' capitaneadas por crenças locais também são aqui apresentadas. A consideração desses referenciais perceptivos, epistemológicos e ontológicos locais, pode qualificar sobremaneira os processos de elaboração de políticas públicas e projetos agroecológicos de extensão rural voltados às mulheres quilombolas da região.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 O CONTEXTO QUILOMBOLA NO VALE DO RIBEIRA**

A região do Vale do Ribeira, localizada entre os estados de São Paulo e Paraná, ocupa uma área de 2.830.666 hectares (ha) (SANTOS & TATTO, 2008) (Figura 1). Os bairros quilombolas da região, que hoje somam 66 comunidades já identificadas, se originaram a partir de contingentes de escravos durante o período colonial brasileiro, entre o final do século XVIII e início do XIX (QUEIROZ, 2006; SOF, 2018). A agricultura é o principal meio de vida e de produção dessas populações, estando presentes também as atividades de caça de subsistência e o extrativismo (PEDROSO Jr et al, 2008; PRADO et al, 2020).

Nas últimas quatro décadas, a população quilombola na região tem vivenciado importantes mudanças em seu modo de vida, na economia e na esfera sociocultural. Conflitos agrários na região, pressões de ordem econômica e restrições legais à ocupação e uso do solo em seus territórios têm os afastados de suas práticas tradicionais, em especial do cultivo itinerante de corte e queima, caracterizado como 'coivara' (PEDROSO Jr et al, 2008; ADAMS et al, 2013; FUTEMMA, MUNARI, & ADAMS, 2015).

Este estudo foi realizado nos bairros de Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima, no contexto do médio rio Ribeira de Iguape, entre as cidades de Eldorado (SP) e Iporanga (SP) (Figura 1). Pedro Cubas, com uma extensão territorial de 3.806 ha, apresenta uma população de aproximadamente 150 pessoas e 40 unidades domésticas (UDs). Pedro Cubas de Cima, com um território reconhecido de 6.875 ha

apresenta uma população de cerca de 120 pessoas, abrangendo aproximadamente 30 UD's (SANTOS & TATOO, 2008; dados de 2005).

Os dados conjuntos dos dois bairros obtidos pelo último censo realizado na região, entre os anos de 2003 e 2005, mostram que cerca de 70% das(os) chefes de família se declararam lavradoras ou lavradores com a sua produção voltada totalmente à subsistência, cerca de 20% comercializavam os excedentes de sua produção, enquanto 10% disseram não realizar atividades de roça. Os produtos agrícolas mais amplamente cultivados no bairro eram feijão, mandioca, arroz, milho e banana (PEDROSO Jr. et al, 2008; ADAMS et al, 2013).

A mulher, foco deste estudo, desempenha importantes papéis na economia das famílias quilombolas na região, como nas atividades de roça voltadas para o consumo da família e venda, nos cultivos dos jardins-quintais, na produção e comercialização de artesanato, entre outras práticas (MUNARI, 2009; MOTTA, 2018; TAQUEDA, 2009; IANOVALI et al, 2018; SOF, 2016). Ademais, no Vale do Ribeira como um todo, a atuação política e articulação de mulheres agricultoras têm buscado conquistas relativas à igualdade de gênero, direito à terra e políticas públicas voltadas à mulher no campo (HILLENKAMP & NOBRE, 2018; MOTTA, 2018; SOF, 2018; PAULILO, 2021).

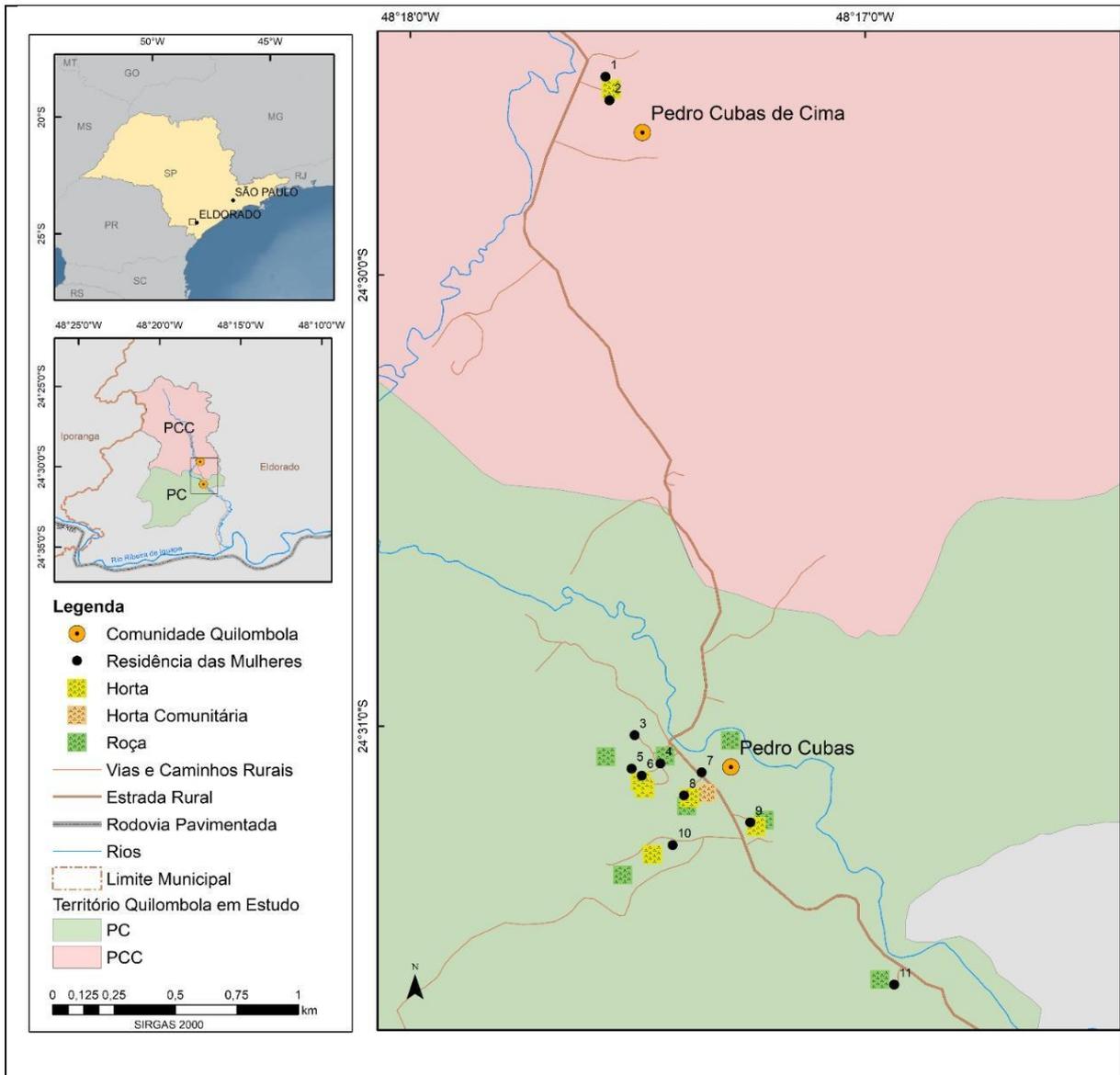


Figura 1. BARBOSA, Camila. ‘Comunidades de Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima e unidades domésticas consideradas no estudo’. Eldorado – SP/Vale do Ribeira.

## 2.2 COLETA DE DADOS

Foram realizadas três etapas de campo, somando 20 dias de atividades entre julho de 2019 e janeiro de 2020. Os critérios utilizados para a seleção das entrevistadas foram: ser natural de Pedro Cubas ou Pedro Cubas de Cima, praticar atividades agrícolas e concordar em participar da pesquisa. Buscou-se também incluir diferentes faixas etárias na amostra de mulheres entrevistadas, de modo a acessar o envolvimento e as percepções acerca da prática de roça entre diferentes gerações de moradoras. No total foram acompanhadas 08 mulheres, com idade variando entre 28 e 76 anos.

A pesquisa foi desenvolvida tendo como principal base uma abordagem etnoecológica de orientação etnográfica (CAMPOS, 2002; VASCONCELLOS, 2004; PRADO & MURRIETA, 2015). Além da observação participante foram aplicadas entrevistas informais, entrevistas semiestruturadas e questionários. Também se utilizou do uso sistemático de um diário de campo, visando o registro qualitativo das experiências presenciais (VIERTLER, 2002; BERNARD, 2006).

A partir das entrevistas informais, as quais foram combinadas à observação participante, foi possível criar diálogos não controlados ou sistematizados. Estes ocorreram como conversas na casa das entrevistadas ou durante as visitas às roças, buscando que as mesmas se sentissem à vontade para expressar suas realidades e pensamentos (VIERTLER, 2002; BERNARD, 2006).

A aplicação de entrevistas semiestruturadas, por sua vez, permitiu acessar a percepção das mulheres quilombolas sobre tópicos-chave de interesse na pesquisa. Nesta etapa da pesquisa as entrevistas foram gravadas em áudio, com o auxílio de um aparelho gravador. Entrevistas estruturadas em formato de questionários também foram utilizadas, buscando a padronização de questões específicas as quais foram aplicadas a todas as participantes do estudo para fins comparativos (VIERTLER, 2002; BERNARD, 2006; VERDEJO, 2010).

Como parte do projeto de pesquisa 'A práxis na paisagem e a experiência do conhecimento ecológico entre quilombolas e caboclos (Mata Atlântica e Amazônia)' (FAPESP 2016/04680-4), este estudo foi desenvolvido mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por lideranças e representantes legais das duas comunidades foco do trabalho. A pesquisa também foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos. Este trabalho apresenta os nomes reais das mulheres quilombolas que participaram desta pesquisa.

### 2.3 BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS ENTREVISTADAS

Leide (77 anos) já aos sete anos frequentava a roça dos pais, ajudando a capinar, plantar, colher e entre outras tarefas. Ela relata que quando não estava na escola, estava na roça. É casada com seu Antônio Jorge desde os 19 anos, e sempre trabalharam juntos nas atividades agrícolas. Para ela, não existe diferença de trabalho de homem e mulher na roça. Diva (73 anos) é uma importante liderança

para Pedro Cubas de Cima, participando de grupos de trabalhos e na organização da feira de sementes do Vale do Ribeira. Ela também tem participado de congressos e eventos nacionais, representando os quilombolas do Vale do Ribeira. Também atua no conselho de debate para a Educação Quilombola em Eldorado.

Maria (85 anos) começou a ir para a roça com apenas seis anos de idade, juntamente com seus irmãos e irmãs, que acompanhavam os pais diariamente na 'capuava'. Foi a partir dessa idade que aprendeu a realizar o modelo agrícola tradicional quilombola. Deixou de fazer roça há apenas quatro anos, por conta de um problema de osteoporose que a acometeu. Isabel (67 anos) pratica roça diariamente, junto com seu marido conhecido como seu Carmo. Sua relação com o cultivo começou aos 10 anos de idade, quando já acompanhava os pais na roça.

Sueli (28 anos) aprendeu a trabalhar na roça quando tinha oito anos de idade, a partir dos ensinamentos de Leide, que a criou e as suas irmãs. O casal de pais adotivos Leide e Antônio Jorge permanece sendo até hoje a referência que ela segue, tanto para o manejo do cultivo quanto para o calendário lunar de plantio. Salete (42 anos), também uma liderança e representatividade ativa em Pedro Cubas, é casada com o filho de Leide, tendo em seus sogros um exemplo a ser seguido e fonte de conhecimentos sobre roça.

Vaninha (38 anos) convive com as atividades de roça desde os 11 anos de idade, acompanhando seus pais na agricultura familiar. Casou-se aos 15 anos e trabalha com o marido. Naíca (50 anos) é mãe solo, sendo responsável pela horta comunitária em Pedro Cubas. Sua vivência na roça começou aos oito anos. Antes de cultivar os alimentos na estufa comunitária, trabalhou como agricultora para outras pessoas, dentro e fora da comunidade.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 O CULTIVO NO 'TERREIRO' E NA 'CAPUAVA': PRESENTE E PASSADO EM PERSPECTIVA**

A agricultura quilombola no Vale do Ribeira remete há aproximadamente 200 anos, com destaque para o cultivo de coivara itinerante do arroz, cana, café, açúcar, milho e mandioca (PEDROSO Jr et al, 2008; IANOVALLI, 2015; ITESP, 2003). A coivara quilombola na região é caracterizada pelas fases de derrubada e queima da

floresta, plantio, colheita e o chamado pousio. O pousio é marcado pela regeneração florestal e recuperação da fertilidade do solo para posterior reutilização da área para uma nova roça (PEDROSO JR et al, 2008; MUNARI, 2009; RIBEIRO FILHO, 2017). Esta forma de cultivo era tradicionalmente realizada nas chamadas 'capuavas', categoria êmica relativa ao espaço no qual este tipo de cultivo era realizado na região (PEDROSO JR et al, 2008).

Recentemente, a coivara quilombola no Vale do Ribeira foi reconhecida como patrimônio imaterial do Brasil (BOEHM, 2018; INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2018). Entretanto, nas últimas décadas, a prática tradicional de coivara tem perdido espaço entre os quilombolas da região. Isto se deve, por múltiplos fatores, de ordem econômica, política e cultural, culminando em um cenário atual no qual, muitas famílias praticam sua roça no contexto das vilas, próximas a sua residência ou até mesmo 'terreiro' (espaço imediato em torno da casa), e não mais nas 'capuavas' ou seguindo o sistema de pousios (VASCONCELLOS, 2004; ADAMS et al. 2012; PRADO, 2016).

Leide traduz esta situação com sua roça permanente que é uma extensão de seu quintal (ou 'terreiro'). Ela admite certa facilidade em ter sua roça a alguns passos de casa. Porém se queixa da falta de tempo e espaço para poder plantar mais, como era no passado. Diva, por sua vez, cultiva alimentos no "terreiro" de casa e em área de 'capuava', em meio à floresta, uma situação rara nos tempos atuais. Por meio desses dois modelos de roça, ela combina facilidade em cultivar próximo de sua casa (como taioba, maná alface e pupunha), ao acesso a solos mais ricos e áreas maiores no contexto da 'capuava', onde produz arroz, feijão e milho principalmente.

Diva também trouxe um relato sobre a dificuldade de se fazer roças tradicionais em 'capuava' hoje em dia. Para ela, um dos motivos da diminuição das atividades agrícolas na comunidade é a dificuldade de obter licença junto aos órgãos ambientais do estado para abrir novas roças (PEDROSO Jr. et al, 2008; ADAMS et al, 2013; ISA, 2018).



Figura 2. HAIALA, Letícia. **Dona Leide cultivando feijão rosinha em sua roça** 2019.

Fotografia. 10,65 x 07,99

Diva ainda menciona que obter essa licença é burocrático, demorado e de difícil aprovação, pois o órgão estadual ambiental considerou por anos que o modelo de coivara é prejudicial para a mata nativa (MUNARI, 2009). Segundo ela, os pedidos dessa natureza eram negados, com aplicação de multas àqueles que faziam coivara sem licença, gerando dívidas e desestímulo para os locais. Disse também que há cerca de dez anos esta situação melhorou, com o aumento do número de pedidos aprovados para abertura de novas roças (ADAMS et al., 2012).

Na mesma linha de Diva, Sueli cultiva tanto no quintal como no espaço da 'capuava'. No quintal exerce suas atividades diariamente. Na 'capuava', costuma ir de final de semana e acompanhada do marido. Afirma não haver diferença de tarefa entre homem e mulher, e que se sente totalmente à vontade e confiante para cuidar de maneira autônoma da plantação que alimenta sua família (PEDROSO Jr, 2008). No momento de uma das entrevistas, Sueli e suas filhas estavam juntas no quintal secando o arroz caipira recém colhido na 'capuava' (Figura 3).



Figura 3: HAIALA, Letícia. **Sueli e suas filhas separando o arroz colhido em sua roça.**  
2019. Fotografia. 10,82 x 08,12

De modo complementar ao relato de Diva, Sueli mencionou que a melhor qualidade do solo na 'capuava' se deve por este ser mais úmido e de cor mais escura, em relação ao 'terreiro'. Este ponto também foi trazido pelas demais entrevistadas, que foram unânimes em considerar que a área próxima a residência é mais 'cansada' e que o solo presente em áreas mais afastadas é de maior qualidade, por conta da proximidade com a vegetação nativa e por serem pouco utilizadas (GOMES, 2013).

Maria rememora o 'tempo dos antigos'. Conta que sua família passava semanas na 'capuava', preparando a terra e cultivando o alimento (PEDROSO Jr, 2008; MUNARI, 2009). Disse ainda que era comum o envolvimento de crianças e jovens na roça, demonstrando preocupação com o desinteresse atual deles com o trabalho agrícola. Seu relato se alinha a outros registros na região mostrando que na últimas décadas, a exemplo de outros momentos históricos, jovens têm buscado alternativas em centros urbanos como Registro (SP), Sorocaba (SP), além das capitais São Paulo (SP) e Curitiba (PR), à procura de trabalhos remunerados e oportunidades de estudo (RIBEIRO FILHO et al, 2017; PEDROSO Jr. et al, 2008; ADAMS et al, 2013; PRADO & MURRIETA, 2018).

### 3.2 ALIMENTOS CULTIVADOS E DESAFIOS ATUAIS

Entre as mulheres entrevistadas, foi possível observar que o cultivo de alimentos é voltado primeiramente à subsistência da família, ainda que sua comercialização esteja presente em alguns casos. A partir das entrevistas e do acompanhamento das atividades realizadas nas roças, 57 alimentos foram registrados. As culturas mais comuns foram o feijão (*Phaseolus sp.*), a mandioca (*Manihot esculenta*), o milho (*Zea mays*), o almeirão (*Cichorium intybus*), a alface (*Lactuca sativa*), a banana (*Musa sp.*) e a pupunha (*Bactris gasipaes*).

Na temática envolvendo produção para o consumo familiar e para venda, Leide relatou cultivar para consumo próprio os seguintes alimentos: feijão, mandioca, milho, cará, couve, repolho, beterraba, berinjela, alface, banana, cana, taioba, batata doce, pupunha real, cana de açúcar, limão tahiti, limão galego, abóbora e arroz. Já o pouco que comercializa, como a banana e o cará, é vendido na feira semanal de Eldorado, SP. Porém, o transporte público é inexistente no bairro e a 'corrida' (frete) da comunidade até Eldorado custa cerca de 120 reais, o que impõe limitações a esta prática, segundo ela.

Leide também comentou sobre a pupunha, a qual se tornou, nos últimos 15 anos, um dos principais produtos quilombolas destinados ao mercado (ADAMS et al, 2013; PRADO, 2016). Em uma de suas falas, em tom de preocupação, ela disse que 'depois que planta o palmito não se planta mais nada, sua raiz é muito grande e vai longe, sugando a terra, os nutrientes'. Este relato reflete uma preocupação de parte dos quilombolas de que a monocultura de pupunha venha a substituir por completo o cultivo tradicional quilombola (IANOVALI et al, 2018), o qual carrega consigo importantes elementos da história e da cultura quilombola no Vale do Ribeira (ANDRADE & TATTO, 2013).

Ainda nesta temática, Isabel relatou cultivar 5 mil pés de pupunha no momento, e Vaninha 20 mil pés no total. Isabel ainda cultiva em suas roças banana, pepino, abóbora, milho, cana, mandioca, cará, feijão rosa, limão galego, maná, milho e arroz, enquanto Vaninha se envolve também com feijão, mandioca e cana. Vaninha ainda produz sacos de temperos como açafrão, manjeriço e colorau, com foco na comercialização, para dentro e fora da comunidade, e Isabel produz farinha de mandioca com auxílio do aparelho chamado 'tráfico', utilizando para isto a mandioca colhida em sua roça. Porém, na linha do mencionado acima por Leide,

relata que o escoamento não é rápido nem compensatório, principalmente por ser pouco apoiado dentro da comunidade. Diz ela que produz para se alimentar primeiramente, e também por gostar, como uma espécie de *hobbie*.

As pupunhas cultivadas atualmente por Vaninha e seu marido, bem como os insumos necessários, foram adquiridas com recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Vaninha alega que conseguiram a aprovação há três anos, mas que atualmente muitos pedidos estão sendo negados. Diz lamentar pela falta de outros incentivos públicos ou programas de financiamento de incentivo à agricultura familiar. De fato, recentemente, políticas públicas voltadas à permanência no campo têm sido cada vez menos presentes, à medida que continuam sendo extremamente necessárias, uma vez que estas medidas são a melhor forma de garantia para a permanência na comunidade (FILIPAK, 2017; MOTTA, 2018; HELLENKAMP & NOBRE, 2018, SOF, 2016; SCHUTZ & AHLERT, 2016).



Figura 4. HAIALA, Letícia. **Isabel separa o feijão cultivado em sua roça.** 2020. Fotografia.

09,98 x 07,17.

Naíca, responsável pela horta comunitária de Pedro Cubas (Figura 5), é a única entre as entrevistadas que cultiva alimentos com a intenção inicial de comercializá-los (SANTOS & GARAVELLO, 2016; SOF, 2016). A comercialização dos alimentos produzidos na estufa é feita dentro e para fora da comunidade, como para lanchonetes e restaurantes da cidade de Eldorado-SP. Relata que trabalha diariamente na estufa, onde cultiva alface, couve, quiabo, cebolinha, alho, pimentão,

jiló, vagem, almeirão, entre outros. Realiza suas atividades de maneira independente, posto que é divorciada e não recebe ajuda de outras pessoas em suas tarefas.

No caso de Salete, também é possível observar autonomia e independência feminina nas práticas agrícolas, uma vez que realiza a maior parte das atividades de cultivo sozinha. Seu marido trabalha na cidade de Eldorado, além do que alega 'não gosto de ficar esperando ninguém'. Cultiva feijão, maná, abóbora, cana, taioba, alfavaca, manjericão, chicória, almeirão, mandioca, capim cidreira, limão galego, cebolinha, inhame, jaca e batata doce, todos para o consumo da família. Salete retoma a temática sobre a dificuldade de comercialização da produção. Para ela, as feiras na cidade não são rentáveis, devido ao alto custo envolvido no transporte até Eldorado.

De modo geral, as mulheres entrevistadas convergem na percepção de haver hoje grandes dificuldades em garantir renda apenas com a lavoura. As limitações no transporte e escoamento da produção foram mencionadas de forma recorrente.



Figura 5. HAIALA, Letícia. **Horta comunitária sob os cuidados de 'Naíca'**. 2020.

Fotografia. 09,37 x 06,54

Há também, reclamações sobre diminuição de programas públicos e financiamentos governamentais que auxiliem na compra de seus produtos, sobretudo nos anos recentes. As dificuldades de conseguir a autorização dos órgãos ambientais para abrirem novas roças, como também levantada por Diva na seção anterior, também foram mencionadas por grande parte das entrevistadas (ADAMS et

al. 2012; RIBEIRO FILHO et al, 2017).

### 3.3 TÉCNICAS E CALENDÁRIO AGRÍCOLA

Todas as entrevistadas relataram fazer uso de produtos químicos na lavoura, sendo o formicida o mais presente nas entrevistas, com oito das 8 mulheres relatando seu uso, seguido pelo calcário, adubo granulado e o 'mata-mato'. De fato, o uso de insumos químicos cresceu sobremaneira nas duas comunidades nas últimas décadas (IANOVALI et al, 2018). Por outro lado, o conhecimento e o uso de receitas naturais de insumos também estiveram presentes entre a maioria das entrevistadas. A prática mais comum é a aplicação de esterco, seguida pelo uso do fumo em água ou álcool, e da 'mandiquera', líquido tóxico extraído da mandioca brava, diluída em água ou álcool, para espantar insetos e microorganismos.

O casal Leide e Antônio Jorge adotam o cultivo orgânico, voltado principalmente à alimentação do casal e seu núcleo familiar estendido. Diva, por sua vez, modula o uso dos diferentes tipos de insumos a depender da área e do tipo de cultivo em questão. Relata fazer uso de formicidas e 'mata-mato' na roça do 'terreiro', também mencionados por Sueli e Isabel. Porém, no espaço da 'capuava', diz usar apenas receitas naturais, como 'mandiquera' e fumo com cravo para afastar os insetos, afim de conservar um solo livre de produtos químicos. O mesmo foi relatado por Isabel, a qual também utiliza de esterco em sua roça.

Ainda no âmbito dos métodos tradicionais aplicados no cultivo, ao falar sobre como organiza sua roça, Maria mencionou que não cultivava os alimentos em uma linha reta, não se preocupando com a simetria durante o plantio. Para ela, 'deixar as coisas em linha reta perfeitinho é coisa de máquina...na natureza de verdade não é assim'. Revela-se aqui uma resistência em relação a métodos agrícolas convencionais de larga escala, como no caso dos sistemas mecanizados usados em monoculturas do agronegócio. Sua fala, por outro lado, traz uma percepção local e tradicional de cultivo quilombola, o que, neste aspecto relativo à falta de simetria e consórcio de diferentes culturas em uma mesma roça, caracteriza princípios que orientam os sistemas agroecológicos (MANJABOSCO, 2013; BEZERRA, 2018; ARANTES et al, 2017).

A observação dos fenômenos atmosféricos associados às diferentes estações do ano é outro aspecto central às práticas agrícolas tradicionais, modulando a

organização temporal das atividades, em especial a cronologia do plantio das diferentes culturas. No âmbito da agricultura familiar, o calendário agrícola em geral é orientado pela conjugação de fatores climáticos, estações lunares e mudanças na paisagem ao longo dos meses (TOLEDO & BARRERA-BASSOLS, 2015).

Neste tópico, Leide relatou que costuma plantar mandioca de julho a outubro, o feijão entre agosto e setembro, e tanto o arroz como o milho de novembro a janeiro. Ela reconhece nas antigas 'capuavas' as melhores 'terras' (solo) para o cultivo. Indica também que a mandioca é boa para se plantar no morro, e que não pode ser em local coberto. Ainda para ela, 'o feijão gosta mais de terra úmida, o milho e arroz gostam de terra mole'.

Diva cultiva a rama da mandioca em setembro e o milho e arroz entre outubro e janeiro, convergindo em linhas gerais com o calendário usado por Leide. Em referência à fase lunar, planta o arroz e o milho na lua minguante, alegando ser a mais adequada para a semeadura. Outras fases da lua são reservadas para atividades como preparo da terra, roçagem, capinagem e repouso, situação também observada nos relatos de outras entrevistadas.

Para Isabel, a melhor época para plantar feijão é de março em diante, e a mandioca rende melhor quando cultivada de julho a janeiro (a exemplo de Leide e Diva). A lua que considera mais adequada é a minguante, 'os antigos diziam dessa forma, então é'. Naíca segue o calendário de plantio com base no cultivo de Leide e Antônio Jorge, assim como Sueli e Salete, mostrando assim a importância do casal como referência dentro da comunidade. Naíca ainda alega que a lua minguante é a mais adequada para fazer o plantio dos alimentos, evitando a crescente.

Com base nos relatos acima, parece haver um consenso entre as entrevistadas recomendando o tempo da lua minguante para os plantios em geral. De fato, é comum em estudos antropológicos e etnoecológicos no Brasil o registro acerca da centralidade das fases da lua nas práticas de cultivo entre agricultores familiares (FOLHES & DONALD, 2007; MARQUES & GAMA, 2007; GRANDO & LITTLE, 2017; SANTI, 2020). No entanto, estudos científicos sobre a relação entre a órbita lunar e o desenvolvimento das plantas (ou produtividade das roças) ainda são escassos (JOVCHELEVICH, 2007; RIBEIRO & LORENZETTI, 2015).

### 3.4 'SIMPATIAS' E DIMENSÃO SIMBÓLICA

Outro tópico abordado nas entrevistas foi o emprego de ritos mágico-religiosos, ou 'simpatias' (CASCUDO, 2013) no contexto da prática agrícola. Isabel, por exemplo, mencionou uma 'simpatia' para evitar que a paca (*Cuniculus paca*) danifique a roça, se referindo principalmente à predação de bananas. Esta consistia em colocar um chumaço de cabelo cortado em cada um dos cantos da roça. A lógica que sustenta esta crença não foi trazida à luz por Isabel, que neste caso parece seguir apenas os ensinamentos ancestrais: 'aprendi com os antigos, e quem tem juízo segue as regras que eles faziam'.

Leide trouxe outro relato neste tópico se referindo às 'pragas na roça'. Disse que quando havia este tipo de problema, 'pegava o bicho que estava sendo uma praga, colocava três, amarrava num pano e colocava em cima do fogo, para impedir que os bichos voltassem a atacar a plantação'. Aparentemente de base analógica, na qual a parte (no caso os três animais) corresponde ao todo, maiores detalhes sobre a lógica que orienta esta crença ainda precisam ser elucidados na região. Práticas mágico-religiosas, potencialmente de origem africana combinadas ao catolicismo popular da região, de fato estão presentes no contexto quilombola do Vale do Ribeira (CARVALHO, 2006; PAES, 2007; ANDRADE & TATTO, 2013). Porém, ainda são escassas as informações sobre estas crenças aplicadas especificamente à práxis agrícola.

Há também na população estudada crenças relacionando algumas condições fisiológicas específicas da mulher à prática agrícola, como restrições ao trabalho da mulher na roça durante seu período menstrual (SOUZA & PRADO, artigo submetido). O sangue, tido como sujo, comprometeria o bom desenvolvimento da roça. Ainda segundo esses registros, o próprio cheiro do sangue atrairia alguns animais que, ao se aproximarem das mulheres, poderiam inclusive engravidá-las.

Outro registro colhido por Souza & Prado (artigo submetido) na região foi uma estória antiga, que parece disseminada no imaginário local, de uma mulher que teria ido à roça em período menstrual, tendo então engravidado nesta ocasião. A criança teria nascido sem braços ou pernas, sendo por isso vista como um animal rastejante. Outro caso narrado foi de uma mulher, também em período menstrual, que trabalhando na roça fora até uma pequena ponte buscar água no rio. Lá teria escutado um 'mexido n'água' pensando ser um jacaré. Passado um tempo, a mesma

descobri-la estar grávida, afirmando ser do réptil. Três meses passados de gestação, viria à luz uma criança semelhante a um jacaré, a qual teria sido jogada de volta ao rio.

Vale dizer que relatos semelhantes sobre ‘bebês-animais’ também foram registrados por Souza & Prado (artigo submetido) entre ribeirinhos do Lago Amanã (AM), bem como por Santos et al. (2017) na Ilha do Marajó (PA). Temos ainda na obra seminal de Wagley (1957), também no contexto de Marajó, o caso de ‘filhos de bôto’ (*Inia geoffrensis*) que deveriam ser ‘devolvidos’ ao rio. Ademais, este é um tipo de registro que também se verifica em etnografias clássicas em âmbito mundial. Somente para citarmos um exemplo muito próximo àquele aqui discutido, temos o caso dos ‘bebês-hipopótamos’ ‘devolvidos’ ao rio pelos Nuer, registrado ainda na década de 1930 por Evans-Pritchard (2005).

Uma possibilidade de interpretação desses relatos já colhidos na região, é pelo ângulo da antropologia social de Mary Douglas (1921-2007), focada no problema dos sistemas de classificação e sua relação com a ordem social e cosmológica na sociedade (DOUGLAS, 2003). Mais especificamente, podemos tomar emprestado seus conceitos de impureza e ambiguidade (DOUGLAS, 2000).

Em sua obra seminal sobre tabus, publicada originalmente em 1966, Douglas (2000) interpreta impureza como características (de plantas, animais, etc.) que não se enquadram num dado sistema de classificação, revelando ambiguidades nos seres que precisam ser resolvidas no interior de um dado sistema de pensamento. Para Douglas, o sangue menstrual, sujeito a tabus em muitas sociedades, pode ser lido como essencialmente ambíguo, simbolizando a situação de um indivíduo morto que sequer chegou a viver. Leitura semelhante pode ser feita em relação aos bebês aparentemente vítimas de má formação fetal. Se assemelhando a animais rastejantes por não terem seus membros desenvolvidos, na cosmovisão de muitas sociedades esses bebês desafiam a linha de demarcação que diferencia, no campo ontológico, humanos e animais.

Reforçando este argumento, nosso estudo de Souza & Prado (artigo submetido), quando perguntado sobre quais animais são especialmente atraídos pelo cheiro do sangue menstrual, e engravidam mulheres, as respostas foram: jacarés, sapos, rãs, mandruvás (ou centopeias) e cobras. Não por acaso, são todos animais anômalos e abomináveis no interior da tradição judaico-cristã, conforme sublinhado por Douglas (2000). Jacarés, sapos e rãs vivem tanto na terra como na

água, centopeias são terrestres, porém não se enquadram entre os quadrúpedes. Já as cobras são terrestres mesmo na ausência de membros.

Essas crenças podem modular, na esfera das representações simbólicas, a presença da mulher na atividade agrícola. Podem também reforçar ou justificar formas de controle social sobre o corpo feminino, os espaços que podem frequentar e as atividades a que são autorizadas a desempenhar. Sobretudo no contexto de povos tradicionais, a compreensão desses referenciais ontológicos locais (SANTOS, 2007) se faz especialmente relevante para elaboração e implementação de políticas públicas e projetos de extensão rural dirigidas a mulheres. Vale lembrar que tais iniciativas incidem sobre dimensões complexas da vida da mulher no campo, como na esfera da igualdade de gênero, da emancipação econômica, dos conhecimentos tradicionais e das cosmovisões locais (PAULILO, 2016; PAULILO, 2021).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir do acompanhamento de vivências apoiadas pelo método etnográfico, e pelo estudo de referências bibliográficas, este trabalho elucidou que o cultivo tradicional quilombola na região reúne um conjunto complexo de saberes, técnicas e crenças. Os alimentos mais cultivados incluem variedades de feijão, milho, mandioca, almeirão, alface, banana e palmito pupunha, voltados de maneira majoritária para o autoconsumo da família. As narrativas recolhidas mostram que, por necessidade ou opção, as mulheres são autônomas nas atividades agrícolas, fortalecendo assim a importância das mesmas para a manutenção das práticas e saberes tradicionais locais. Suas falas também sugerem não haver divisão rígida de tarefas entre homens e mulheres no trabalho de roça. Os cultivos são realizados no 'terreiro' (entorno imediato à residência), ou nas chamadas 'capuavas', uma prática que era mais comum no passado, mas que ainda encontra lugar em Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima.

Este inclusive, é um dado importante trazido por este estudo, uma vez que a tendência geral tem apontado para o desaparecimento iminente dos cultivos em 'capuava' quilombolas da região. Pôde-se também registrar o amplo uso de insumos químicos no cultivo dos alimentos, bem como o uso daqueles de origem orgânica, por meio de receitas naturais. Estes últimos aparecem mais associados à forma de cultivo tradicional associada às 'capuavas'.

Entretanto, o conteúdo das entrevistas analisadas indica que a atividade de roça era mais comum no passado. O pouco envolvimento de jovens nessa atividade também é uma preocupação manifestada entre as gerações mais velhas. Assim, dotadas de conhecimentos agrícolas tradicionais combinados a técnicas convencionais, e cientes das demandas e desafios de ordem política e econômica do momento, as agricultoras quilombolas desempenham papel indispensável no cultivo agrícola, na segurança alimentar e na sustentabilidade econômica de suas comunidades.

A partir da orientação antropológica adotada neste estudo, referenciais ontológicos ligados às especificidades do corpo feminino, e sua influência sobre os tabus locais envolvendo a participação da mulher na roça, também puderam ser acessados, por meio de relatos voltados a práticas de simpatias e rituais. Por fim, espera-se que as narrativas aqui reportadas, seja na esfera da memória, dos desafios atuais ou das representações simbólicas, possam contribuir para a qualidade de políticas públicas e projetos de extensão rural dirigidos ao contexto quilombola no Vale do Ribeira, em especial às agricultoras que lá reproduzem sua existência e a de suas comunidades.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R. Agricultura familiar e uso do solo. **Revista São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, vol. 11, nº 2, p. 73- 78, abr/jun, 2004.

ADAMS, C. et al. Diversifying Incomes and Losing Landscape Complexity in Quilombola Shifting Cultivation Communities of the Atlantic Rainforest (Brazil). **Human Ecology**, [ S.I.], v. 41, n. 1, p. 119-137, 26 set. 2012.

ANDRADE, A. M.; TATTO, N. **Inventário cultural de quilombos do Vale do Ribeira**. ISA – Instituto SocioAmbiental, Vale do Ribeira – SP, p. 10 – 57, 2013. Disponível em: [https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/pdf-publicacao-final\\_inventario.pdf](https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/pdf-publicacao-final_inventario.pdf). Acesso em out. 2020

ALVARES, S.M. **Limites E Potencialidades Da Transição Agroecológica Com Sistemas Agroflorestais No Bairro Rio Preto, Vale Do Ribeira - Sp.** 2018. 250 f. (Doutorado em Engenharia Agrícola), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

ARRUTI, J. M. **Mocambo. Antropologia e história do processo de formação quilombola.** Bauru: EDUSC, 2006.

BERNARD, H.R. **Research methods in anthropology: qualitative and quantitative approaches.** Walnut Creek: Altamira Press; 2006.

BEZERRA, G. J.; SCHLINDWEIN, M. M. Agricultura familiar como geração de renda e desenvolvimento local: uma análise para dourados, MS, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 18, n. 1, p. 3-15, 10 mar. 2017.

BEZERRA, L. P. **Implantação De Sistemas Agroflorestais Na Agricultura Familiar: Um Caminho Para A Transição Agroecológica.** 2018. 118 f. (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2018.

BOEHM, C. **Plantio tradicional de quilombolas recebe título de patrimônio do país.** Agência Brasil, São Paulo. 20 de set. 2018. Disponível em: Plantio tradicional de quilombolas recebe título de patrimônio do país | Agência Brasil (ebc.com.br). Acesso em nov.2020.

CAMPOS, M. D. **Etnociência ou etnografia de saberes, técnicas e práticas?** In : AMOROZO, M, C.; MING, L ,C.; DA SILVA, S. P. **Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas.** Rio Claro. In:Unesp - Rio Claro, 2002, p 47-82.

CASCUDO, L. C. **Tradição, ciência do povo: pesquisa na cultura popular do Brasil**. 2a. São Paulo: Global; 2013.

CARRIL, L., F. **Quilombo, território e geografia. Agrária**, São Paulo, n. 3, p. 156-171, 17 dez. 2005.

CARRIL, L., F. Os desafios da educação quilombola no Brasil: o território como contexto e texto. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 69, p. 539-564, jun. 2017.

CARVALHO, M.C. **Bairros negros do Vale do Ribeira: do “escravo” ao “quilombo.”** 2018, 211 f ( Doutorado em Sociologia ) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

DOUGLAS, M. **Pureza e Perigo**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva; 2000.

DOUGLAS, M. **Standard Social Uses of Food: Introduction. Food in the social order**. London and New York: Routledge; 2003.

O'DWYER, E. C. **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, p. 13-42, 2002. 268p. Disponível em: (1) (PDF) Quilombos identidade étnica e territorialidade | Fernanda Scheller - Academia.edu. Acesso em maio de 2021.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande**. Rio de Janeiro: Zahar; 2005.

FARIA, N.; NOBRE, M. (Org.). **A Produção do Viver: ensaios de economista**

**feminista**. São Paulo: SOF, 104p. (Coleção Cadernos Sempreviva. Série Gênero, Políticas Públicas e Cidadania, 7), 2003.

FILIPAK, A. **Políticas Públicas para Mulheres Rurais no Brasil: Análise a Partir da Percepção de Mulheres Rurais e de Movimentos Sociais Mistos**. 2017. 270 f.(Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Marília, 2017.

FOLHES, M.T.; DONALD, N. Previsões tradicionais de tempo e clima no Ceará: o conhecimento popular à serviço da ciência. **Sociedade & Natureza**; Uberlândia, v.19, n.2, p.19–31, dez.2007.

GOMES, E. P, SUGIYAMA, M., ADAMS, C., PRADO, H. M, OLIVEIRA Jr, C.J. A sucessão florestal em roças em pousio: a natureza está fora da lei?. **Scientia. Forestalis**, Piracicaba, v. 41, n. 99, p. 343-352, set. 2013

GRANDO, R.L.; LITTLE, P.E. Importância da Lua no Conhecimento Ecológico Local: estudo de caso na Vila do Forte, Vale do Paranã, Goiás. **Anais SNCMA.**, Vale do Paraná, v.8, n.1, p. 1–14 2017.

HANAZAKI, N. **Ecologia de caixaras: uso de recursos e dieta**. 2001. 193p. (Doutorado em Ecologia) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. 2001

HERRERA, K. M. **Da Invisibilidade ao Reconhecimento: Uma Análise do Papel da Mulher Rural a Partir da Perspectiva da Multifuncionalidade Agrícola**. 2015. 133 f. (Mestrado em Sociologia Pública) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina., Florianópolis, 2015.

HILLENKAMP I.; NOBRE M. Agroecologia e feminismo no Vale do Ribeira: contribuição para o debate sobre reprodução social. **Temáticas** Campinas; v.26, n.1, p.167–194, 2018.

IANOVALI, D. **A agricultura quilombola no Vale do Ribeira - SP: comparação entre as agriculturas itinerante e permanente**. 2015. 149 f. (Mestrado em Ciências) - Centro de Energia Nuclear na Agricultura, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2015.

IANOVALI, D., ADAMS, C., RIBEIRO FILHO, A.A., KHATOUNIAN, C.A. Produtividade agrícola e mudanças socioculturais: a agricultura quilombola no Vale do Ribeira-SP, Brasil. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v.49, p. 221-238, dez. 2018.

ITESP. Governo do Estado de São Paulo. **Relatório Técnico-científico sobre os Remanescentes da Comunidade de Quilombo de Morro Seco/Iguape-sp**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, p;59, 2003.

ISA - INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Sistema agrícola ameaçado é reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil**. Set. 2018. Disponível em: Sistema agrícola ameaçado é reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil | ISA - Instituto Socioambiental. Acesso em abril. 2021,

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Educação escolar quilombola no Censo da Educação Básica**. abr. 2015. Texto para discussão organizado por Tatiana Dias Silva. Disponível em: [http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2081.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/TDs/td_2081.pdf). Acesso em: maio 2021.

JOVCHELEVICH, P. **Rendimento, qualidade e conservação pós-colheita de cenoura (*Daucus carota L.*) sob cultivo biodinâmico, em função dos ritmos**

**lunares.** 2007, 110 f.(Mestrado em Ciências Agrônômicas) – Faculdade de Ciências Agrônômicas da UNESP, Botucatu, 2007

MANJABOSCO, A. C. **Caracterização de um Sistema Agroflorestal com Espécies Florestais Nativas.** 2013. 72 f. (Graduação em Engenharia Agrônoma) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2013.

MARQUES, C.T.; GAMA, E.V. Influência lunar nas práticas agrícolas da Aldeia Indígena Tupinambá de Serra do Padeiro, Buerarema – BA. **Sociedade e Natureza (Revista Brasileira de Agroecologia)**, v.2, n.2, p. 563–566. Set. 2007

MEHY, J. C. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**, São Paulo, v. 2, n. 155, p. 191-203, 2006.

MOURA, C. et al. **Os Quilombos e a Rebelião Negra.** 5º Edição Editora brasiliense. 1981.

MOTTA, V.D. As flores de Ximenes: Agroecologia e Feminismo. **Cadernos de Agroecologia.** Brasília, v.13, n.1, p.1-5, 2018.

MUNARI, L. C. 2009. **Memória social e ecologia histórica: a agricultura de coivara das populações quilombolas do vale do Ribeira e sua relação com a formação da mata atlântica local.** 2009, 218 f. (Mestrado em Ecologia), Departamento de Ecologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PAES, G.S.M. **A “Recomendação das Almas” na Comunidade Remanescente de Quilombo de Pedro Cubas.** 2007, 137 f. (Mestrado em História Social). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

PAULILO, M., I. Feminismo camponês e popular e pós-modernismo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. 253, jun. 2021

PAULILO, M.I. Que feminismo é esse que nasce na horta? **Política & Sociedade**, Florianópolis, v.15, p.296-316, 2016

PEDROSO Jr, N. N et al. A casa e a roça: socioeconomia, demografia e agricultura em populações quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo, Brasil. **Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 3, n. 2, p. 227-252, ago. 2008.

PRADO, H.M. Quilombolas no Vale do Ribeira. **Ciência Hoje**, v. 58, n.343, p. 32-37, 2016.

PRADO, H.M.; MURRIETA, S.R. A Etnoecologia em Perspectiva: Origens, Interfaces e Correntes Atuais de um Campo em Ascensão. **Revista Ambiente e Sociedade**, São Paulo, v.XVIII, n.4, p.1-22, dez.2015.

PRADO, H.M.; MURRIETA, R.S. The Role of Swidden Cultivation in Shaping Ethnozoological Knowledge: Integrating Historical Events and Intergenerational Analyses among Quilombolas from Southeast Brazil. **Journal of Ethnobiology**, [S.l.], v. 38, n.3, p. 287-313. 2019

QUEIROZ, R.S. **Caipiras Negros no Vale do Ribeira: um estudo de antropologia econômica**. EDUSP: São Paulo; 2006.

RIBEIRO, G.D.; LORENZETTI, E.R. Fases tradicionais da lua sobre o crescimento de rabanete. **Cadernos de Agroecologia**, Rio Pomba. v 10, n.3, p. 1-5. 2015.

RIBEIRO FILHO, A. A. et al (org.). **Dossiê Sistema Agrícola Tradicional Quilombola do Vale do Ribeira – Sp.** Vale Do Ribeira – SP, ISA- Instituto Socioambiental, 276 p, 2017.

ROSA, L. S. et al. Os quintais agroflorestais em áreas de agricultores familiares no município de Bragança-PA: composição florística, uso de espécies e divisão de trabalho familiar. **Revista Brasileira de Agroecologia**, [S.l.], v. 2, n. 2, set. 2007.

SANTI, T. **O campesinato no sudoeste paulista: antropologia ambiental como subsídio à extensão universitária no Campus Lagoa do Sino da UFSCar.** 2020, 132 f. (Mestrado em Sustentabilidade na Gestão Ambiental) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2020.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, 2007.

SANTOS, C. F., SIQUEIRA, E.S., ARAÚJO, T.I., MAIA, Z.M. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Ambiente & Sociedade**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 33-52, jun. 2014.

SANTOS, K. M.; TATTO, N. **Agenda socioambiental de comunidades quilombolas do Vale do Ribeira.** ISA - Instituto Socioambiental, São Paulo, Disponível em:  
<https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/publications/03L00025.pdf>.  
Acesso em outubro de 2020.

SANTOS, K. M., GARAVELLO, M. E. Segurança alimentar em comunidades

quilombolas de São Paulo. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v.23 n. 1. P. 786-794, 2016.

SOF – Sempreviva Organização Feminista. **Mulheres do campo construindo autonomia: experiências de comercialização**. São Paulo, 2016, p. 1-70. Disponível em: [Mulheres-do-campo-web-1.pdf \(sof.org.br\)](#). Acesso em maio, 2021.

SOF – Sempreviva Organização Feminista. **Práticas feministas de transformação da economia: autonomia das mulheres e agroecologia no Vale do Ribeira**. São Paulo, 2018. P. 1-84. Disponível em: [Praticas-feministas-português-web1.pdf \(sof.org.br\)](#). Acesso em Fevereiro de 2021.

SOUZA, T.; PRADO, H., M. Tabus, ecologia humana e dimensão ontológica entre quilombolas da Mata Atlântica e ribeirinhas da Amazônia. **Revista Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas Artigo submetido para publicação.2021.

SILIPRANDI, E. **Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 2015.

SILIPRANDI, E. Ecofeminismo: contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v1., n1, p. 61-71, jan/mar. 2000.

SIQUEIRA, A. **Mulheres, relações de gênero e tomadas de decisão em unidades domésticas caboclas do estuário amazônico**. In Adams C., Murrieta R.S, Neves, W. (orgs.) **Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e Invisibilidade**, Annablume, São Paulo, 2006.

SOARES, I.F.; MELO, A.C.; CHAVES, A.C. A Agricultura Familiar: Uma alternativa para o desenvolvimento sustentável no município de Condado – PB. **Informativo Técnico do Semi-árido**. Paraíba, v.3, n.1, p.56-63, dez. 2009.

SCHULTZ, C., AHLERT, A. O Pronaf como Política Pública de Apoio à Agricultura Familiar: Um Estudo de Caso do Município de Maripá – PR. **Ciências Sociais Aplicadas em Revista**, Marechal Candido Rondon, V.16, n.30, p. 77 a 94. 2016

TAQUEDA, C. S. **A etnoecologia dos jardins quintais e seu papel no sistema agrícola de populações quilombolas no Vale do Ribeira, SP**. 2009. 228 f. (Mestrado em Ciências) - Curso de Biologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

TELLES, L., SAORI, S., Franco, V. Resiliência e Autonomia: experiências das agricultoras agroecológicas no Vale do Ribeira/SP. **Temáticas**, Campinas, v 26, n. (52): 167-194, ago./dez. 2018.

THUM, C. Povos e Comunidades Tradicionais: aspectos históricos, conceituais e estratégias de visibilidade. **Remea - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, p. 162-179, 1 jun. 2017.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A Memória Biocultural: a Importância Ecológica das Sabedorias Tradicionais**. Expressão Popular, 1. Ed., 2015.

VASCONCELLOS, M. C. **Um olhar etnobotânico para os usos dos recursos vegetais dos terreiros de uma comunidade remanescente de quilombos do Vale do Ribeira, SP**. 2004, 141 f. Dissertação (mestrado em Agronomia), Faculdade de Ciências Agronômicas - Universidade Estadual Paulista, 2004.

VIERTLER, R, B. **Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia.** In : AMOROZO, M, C,; MING, L ,C.; DA SILVA, S. P. **Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas.** Rio Claro. In:Unesp - Rio Claro, 2002, p 11-29.

ZANK, S.; HANAZAKI, N.; MELO, C. R. Gender and ethnic equity: what can we learn from ancestral and indigenous peoples to deal with socio-environmental issues?. **Ethnobiology And Conservation**, Florianopolis, v. 16, n. 10, p. 1-9, 19 fev. 2021.

WAGLEY C. **Uma comunidade amazônica: Estudo do homem nos trópicos.** São Paulo: Companhia Editora Nacional; 1957.

## 6 APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI ESTRUTURADA APLICADA

### Roteiro Semi-Estruturado

#### DADOS PESSOAIS:

Nome Completo/ Idade/ Naturalidade/ Estado Civil/ Quantidades de Filhos/  
Escolaridade

#### -1. Processo de socialização no contexto da roça

1.1 Como foi sua criação?

1.2 Você ia na roça com seus pais?

1.3 As crianças ajudavam na roça?

#### -2. O papel da mulher na roça e divisão de tarefas

2.1 Depois que você se casou como foi o trabalho da roça?

2.2 O casal trabalhava junto?

2.3 Tinha tarefa (corte, queima, limpeza, plantio, limpeza/roçado, colheita, manuseio pós colheita como secar o feijão, bater o arroz, fazer farinha, etc.) que só a mulher podia fazer ou fazia melhor? Ou não tem/tinha diferença entre homem e mulher?

#### -3. Prática atual da roça e conhecimento tradicional

3.1 Existe um calendário que você segue para trabalhar na roça?

3.2 O que se planta mais nas diferentes épocas do ano?

3.3 Considerando aqueles produtos que você cultiva com mais frequência, qual quantidade é produzida em cada ciclo ?

3.4 E os tipos de solo (“terra”)? Aqui tem “terra” que é boa para um tipo de cultivo, mas não para outro? O que você sabe sobre isto?

3.5 (Em caso positivo) Existem nomes para esses diferentes tipos de “terra”?

3.6 Qual a principal diferença entre eles (na cor, textura, localização, etc.)?

3.7 Considerando as plantas que você mais cultivou ou cultiva, como você escolhe as áreas para o plantio? (deixar ela se expressar livremente, e na sequência, dar algumas opções como: é melhor cultivar esse produto próximo de um curso de

água, em terreno plano ou no morro, em terra mais seca ou úmida, próximo da mata, etc.?)

-4. Destinação da produção

4.1 Você tem produzido só para consumo da família, só para venda, ou uma parte é consumida e outra é para venda?

4.2 Quais produtos são mais para consumo da família e quais são aqueles que são mais destinados para venda?

-5. Insumos

5.1 Você usa só produto químico (eles usam muito o termo “adubo” se referindo a adubo e defensivos) na roça, somente produto natural, ou as duas coisas dependendo do que está plantando?

5.2 Se as duas, quando (ou em quais cultivos) se utiliza mais produto químico e aqueles que se utiliza mais produto natural?

5.3 De quais produtos naturais você tem conhecimento ou já utilizou?

-6. Intercâmbio

6.1 Você participa de trocas de sementes dentro da comunidade?

6.2 E entre as diferentes comunidades?

6.3 Você tem participado da Feira de Trocas de Sementes anual que tem em Eldorado?

-7. Frequência do trabalho na roça

7.1 Quantos dias por semana você trabalha na roça?

7.2 Isto muda muito de época para época (diferentes fases que envolvem o trabalho na roça, como derrubada, queima, limpeza, plantio, colheita, etc.)?

-8. Diversidade de produção e preferências

8.1 O que você já cultivou e o que cultiva atualmente na roça?

8.2 Existe algum cultivo, ou alguns, com os quais você mais gosta de trabalhar? Por quê?

-9. Financiamento e comercialização

9.1 Você já participou de algum programa de financiamento ou incentivo para a roça? Quais?

9.2 Isto mudou muito nos últimos 5 anos?

9.3 (Em caso de comercialização da produção) Como você tem escoado sua produção?

9.4 É mais dentro ou para fora da comunidade? Quem compra e para onde vai?

-10. Dimensão místico-religiosa

10.1 Os antigos falavam de alguma reza ou simpatia para ajudar na produção da roça, ou para livrar a roça de alguma praga?

10.2 O que você poderia relatar sobre isto?